

Errol Hulse, *O Batismo do Espírito Santo* (São Paulo: Editora Fiel, 1995) 128 pp. Traduzido do inglês *Crisis Experiences* (sem data).

O autor é pastor batista calvinista na Inglaterra e editor da revista *Reformation Today*. Antes de tornar-se calvinista, foi membro ativo do movimento carismático, quando percorreu "todos os tipos de experiências do pentecostalismo, inclusive línguas" (p. 43).

O título original do livro ("Experiências de Crise") revela a ênfase do autor nesta obra sobre o batismo do Espírito Santo. Ele examina várias experiências de crise que os carismáticos consideram como sendo o "batismo com o Espírito" mencionado no Novo Testamento.

Seu alvo é investigar em detalhes a reivindicação dos carismáticos de que a porta de entrada para santidade e poder espirituais, bem como para a certeza da salvação, é uma experiência de crise pós-conversão, geralmente chamada por eles de "batismo com o Espírito Santo". A tese de Hulse neste livro é que os cristãos podem ter experiências legítimas e edificantes após a conversão, mas que devem usar a terminologia correta para identificá-las.

No capítulo 1 Hulse enfatiza a importância das experiências espirituais na vida do cristão, bem como a necessidade de não as tomarmos como norma de vida, já que algumas delas são a exceção, como nos casos de reavivamentos espirituais (pp. 13-15). No capítulo 2, ele demonstra como "nenhum batismo do Espírito, ou qualquer experiência de crise é prometida, recomendada, oferecida e, menos ainda, ordenada no Novo Testamento" (p. 17) como sendo a solução para os problemas espirituais dos crentes, ou a chave para mais poder espiritual. Hulse analisa cada uma das cartas de Paulo, mostrando que, para o apóstolo, o caminho da vitória sobre o pecado, da vitalidade espiritual, e da restauração é sempre retornarmos ao fato de que somos nascidos de novo, habitados pelo Espírito, mortos e ressurretos com Cristo. Nenhum batismo de poder é ordenado nas cartas de Paulo como a chave de uma vida espiritual mais plena.

A mesma conclusão emerge das cartas gerais: (1) Devemos construir sobre a boa obra iniciada em nós (p. 39); (2) Devemos evitar todas as formas de "galacianismo" — a idéia de que precisamos de algo além daquilo que já temos em Cristo para podermos atingir a plenitude espiritual (pp. 40-42). O alvo de Hulse com esta pesquisa foi demonstrar que não existe nenhum estado mais elevado de espiritualidade que possa ser atingido por uma experiência de "batismo com o Espírito Santo" (p. 42).

No capítulo 3 o autor analisa as quatro grandes ocasiões relatadas no livro de Atos quando o Espírito Santo veio sobre grupos distintos, em Jerusalém, Samaria, Cesaréia e Éfeso. Para Hulse, o modo correto de interpretar estes relatos não é vê-los como um pentecostal condicionado do século XX, mas como um judeu do século I. Assim, ele sugere que estes quatro eventos são de um mesmo gênero, que são interligados, como numa progressão de eventos, do começo ao fim (pp. 43-45). Hulse faz uma distinção entre os elementos normativos e os extraordinários nestas passagens, e conclui que grande parte do que aconteceu pertence à categoria de eventos extraordinários, que foram dados soberanamente por Deus, sem serem ordenados para gerações subseqüentes. O ponto do autor é que no Novo Testamento os crentes são encorajados a crescer em graça e conhecimento construindo sobre o fundamento da regeneração, da

conversão, e da justificação, e não sobre experiências (p. 72).

No capítulo 4 Hulse aborda como devemos interpretar as experiências de crise. Ele sugere dez possíveis alternativas para entendermos determinadas experiências em nossas vidas, sem que tenhamos necessariamente de considerá-las como um "batismo" do Espírito Santo (pp. 71-97). O capítulo 5 trata da obra do Espírito Santo no Velho Testamento, comparada com o Novo, e o capítulo 6 aborda a questão do reavivamento.

Existem muitos aspectos positivos neste livro que o recomendam como uma obra necessária a todos os que desejam uma abordagem reformada deste assunto tão atual e polêmico. Primeiro, é uma das poucas obras em português sobre o assunto escrita por calvinistas que usam a terminologia de "batismo com o Espírito Santo" para a conversão somente (outros calvinistas, como Lloyd-Jones, usam o termo para experiências de crise após a conversão). Hulse traz contribuições positivas, especialmente em sua análise das cartas do Novo Testamento quanto a este assunto. E lembremos que ele mesmo passou pelas experiências prescritas pelo movimento carismático.

Segundo, Hulse demonstra profunda familiaridade com a história dos avivamentos e a literatura dos Puritanos, que escreveram abundantemente sobre o tema. Terceiro, Hulse admite o lugar das experiências religiosas após a conversão, o que torna seu livro bastante equilibrado. Semelhantemente, Hulse crê e ora por reavivamento espiritual, uma ênfase em falta no livro clássico de John Stott *Batismo e Plenitude do Espírito*.

Há alguns pontos negativos, que, contudo, não são fatais à excelência do livro. Um dos principais é a aparente falta de consciência de Hulse dos problemas interpretativos relacionados com alguns dos textos bíblicos. Hulse cita e emprega estes textos tranqüilamente, como se a interpretação dos mesmos fosse consenso entre os calvinistas. Por exemplo, a tradução de 1 Coríntios 12.13, especialmente da preposição e)n – "em, com, por" (p. 21). A questão se os efésios foram rebatizados por Paulo (At 19.5) é também polêmica, mas Hulse parece ignorar o debate (pp. 49,63). Sua afirmação de que a lavagem dos corpos com água pura em Hebreus 10.22 se refere ao batismo por imersão não leva em consideração que o autor de Hebreus usa o termo "lavagem" para se referir às purificações cerimoniais feitas na antiga dispensação (Hb 9.10; cf. Mc 7.4; em ambas as passagens, a palavra grega para batismo é traduzida corretamente por "lavagem," e não "imersão").

O autor revela ainda falta de cuidado com o texto grego, embora no geral sua exegese seja correta. Na p. 59 ele traduz incorretamente uma sentença grega inteira. Por duas ou mais vezes ele insiste em que a ação expressa por um particípio do aoristo deva ser entendida como coincidente à ação expressa por um aoristo que se segue (pp. 28, 62), um aspecto do tempo do verbo grego que é discutível.

Hulse ainda apresenta algumas soluções para problemas clássicos que são menos do que convincentes, como por exemplo, sua tentativa de explicar os fenômenos extraordinários ocorridos em Éfeso com os discípulos de João Batista (Atos 19), como sendo para autenticar o ministério de Paulo (p. 63). Ou ainda, sua explicação sobre a diferença entre a ação do Espírito no Antigo Testamento e aquela do Novo (pp. 103-4).

Finalmente, senti falta de maior interação com obras clássicas sobre a história da redenção por autores conhecidos como os reformados Gerhardus Vos e Herman Ridderbos, além das obras de George Ladd, Oscar Cullmann e C. H. Dodd. Essas obras tratam da história da redenção e do aspecto progressivo da mesma, o que teria

enriquecido e apoiado enormemente a pesquisa de Hulse sobre os quatro casos narrados no livro de Atos.

— *Augustus Nicodemus Lopes*